

# O DIA EM QUE VOEI PARA A LUA-VI PERIGO À VISTA!

Não obstante haverem sido disparados os foguetes de retração, a espaçonave, atraída para a superfície da Lua, está ameaçada de esfacelar-se de encontro aos altos picos das cordilheiras lunares

NA ORBITA DA LUA, 15 de junho de 1965 — Uma vista como esta infunde respeito, temor e admiração. É quase como se estivessemos voando de lado, através do Polo Sul. Há solidão e beleza na face da Lua. E tão grande que enche — mais do que enche — toda a minha janela. Parece fria e vazia. Não há som algum, embora ela esteja sendo atingida por milhões de meteoritos.

Não há ar, nem organismo vivo. Perguntei ao dr. Strughold se podia observar o compartimento do piloto e ele respondeu que não. Morley e Zawadzki estavam muito ocupados. Haviam recebido de Canaveral, pelo rádio, instruções para seguir a rota 1 que consiste em sobrevoar a Lua da direita para a esquerda, depois dar a volta por trás dela — fazendo filmagens durante todo o tempo — fazer sondagens das profundidades e altitudes e usar impulsos de foguetes suficiente apenas para impedir que "Terrella" seja arrastada para mais perto.

A jovem esposa e eu sentamos-nos, observando a Lua pela minha janela. A jovem recém-casada e o velho desiludido. Meu relógio marcava dez minutos depois da meia-noite. Eu não me sentia mais seguro da hora ou do dia. Não sei se, num voo como este, a gente perde ou ganha alguns dias, ou se convem dar corda ao relógio e esquecer.

recebera ordem de aproximar-se mais da superfície da Lua para tirar fotografias com uma câmara telescópica a uma altitude de menos de 25.000 pés. Imediatamente, as antigas tentativas reapareceram. Tudo estava correndo bem. Agora um idiota qualquer, com seus pés chatos bem plantados na terra, dava ordem para que eu descessem um risco calculado. Para que arriscasse minha miserável vida.

A única grande queixa nesta viagem é algo que ainda não mencionei. A condição Zero-G não é corrigida pelo piso magnetizado. Este evita que nos cinco flutuemos pela cabina como passaros tintos, mas nossos estômagos não levam em consideração o magnetismo. O meu parece estar saindo sempre pela garganta. Minha cabeça parece um balão de borracha preso a um cordel. Os outros sentem o mesmo.

Por Jim BISHOP  
(Exclusividade do King Features Syndicate para as FOLHAS)

Estamos seguros ao piso por magnetos, mas o desconforto de sentir constantemente que tudo quanto existe dentro de nós está tentando levantar-se para fora do corpo e voar por sua própria conta não é divertido. Meu tema é este: "Não sei onde fica minha casa vista daqui, mas não há lugar como ela."

"Não olhem para o sol", Era o dr. Strughold falando. Estava atrás de mim. "O sol é trinta por cento mais brilhante aqui do que da Terra". Parecia mais brilhante, mas eu não tinha certeza. O doutor falava sério. "Os raios poderiam coagular a retina". Protegi meus olhos e olhei para trás, através da longa distância no tempo, para a Terra. Parecia uma lua enorme. Havíamos viajado quase 200.000 milhas desde quando deixamos aquela pequena bola de massa descorada, mas, em um dia eu voltar até ela, jamais tornarei a criticá-la.

## O NOSSO SATELITE

A sra. Zawadzki sabe muita coisa sobre a Lua. Diz que ela é coberta por uma camada de poeira imóvel que talvez tenha



cem milhas de espessura. Como satélite, disse ela, a Lua vem sendo martelada há milhões de anos por partículas do espaço, que a atingem com velocidade de até 2.400 milhas por minuto. Algumas dessas partículas são finas como talco; outras são grandes como montanhas.

As crateras da Terra, a Lua sempre nos mostra a mesma face. O mais que o homem viu dela, até agora, representa cerca de 70 por cento de sua superfície. Há enormes manchas pretas na Lua, e vistas da Terra, essas manchas formam as feições do Homem da Lua. Os antigos pensavam que essas manchas escuras eram oceanos. Deram-lhes os nomes de Mare Imbrium, Oceanus Procellarum etc. Mas não existe uma gota d'água na Lua.

Algumas das crateras têm 100 milhas de diâmetro e margens serrilhadas de quatro milhas de altura. No meio de algumas crateras existem altas montanhas. Algumas delas emitem faixas coloridas de luz que brilham em tangente através do céu escuro. Ninguém sabe o que são ou porque brilham.

ORDEN PARA FOTOGRAFAR A SUPERFÍCIE DA LUA  
ESTAVAMOS meditando nos solitários mistérios quando Morley nos interrompeu através do alto-falante. Disse que "Terrella"

## "TERRELA" É ATRAÍDA PELA GRAVIDADE LUNAR

HOUVE um abalo. "Terrella" estremeceu um pouco. Agarrei nos braços do banco. O alto-falante souou. Era Clyde. "Estamos disparando nossos foguetes de retração", disse ele. "Não se alarmem". Era grande! Isso só podia significar que o pânico da Lua nos estava arrastando para as grandes cordilheiras de montanhas com muita rapidez. Clyde disparava os foguetes do nariz para diminuir a velocidade.

## A ESPAÇONAVE EM PERIGO

BOBBIE veio correndo da cozinha num estado de grande excitação. "Venha cá", disse ela. "Olhe". Olhei. Nada vi a não ser os picos esverdeados e os vales planos. Ela deu um grito de satisfação. "Do lado daquela montanha! Nossa sintonia! Nossa sintonia! Nossa sintonia!" Ela estava a sombra negra de "Terrella", curvando-se sobre as encostas das montanhas e em seguida deslizando para o outro lado. A luz da Terra dera-nos uma sombra.

"Terrella" movia-se paralelamente a superfície da Lua, chegando cada vez mais perto. O doutor disse que, em sua opinião, uma velocidade maior nos conservaria afastados da Lua, enquanto estivessemos paralelos à sua superfície. Acrescentou, porém, que Morley era o piloto-chefe e sabia o que estava fazendo. Era essa a primeira divergência de opinião durante a viagem. Minha garganta estava seca. Sentia novas gotas de suor nas palmas das mãos. Sabia que não ia voltar nunca.

Strughold voltou para seu banco no fundo e falou com Morley. Em seguida, falou com Canaveral. Estabeleceu contato e a conversa era uma coisa fantástica porque, sempre que ele fazia uma pergunta, sua voz precisava de um segundo para chegar até a Terra; em seguida, os homens lá embaixo precisavam absorver o que ele dissera e, quando vinha a resposta, esta demorava mais um segundo para chegar até "Terrella".

A espaçonave atingiu o quarto escuro da Lua. Não me surpreendi muito ao verificar que essa parte da superfície da Lua



Denise Hughes, a vítima

## DEPOIS DE DISPARAR TRÊS TIROS NA EX-ESPOSA:

"Eu não tinha a intenção de atirar contra ela. Eu a amo mais do que a tudo no mundo"

O rico comerciante parisiense não se conformou com a separação — O romance iniciou-se quando ela tinha 16 anos e ele 41 — Casaram-se apesar da diferença de idade — O criminoso atribui à sogra toda a culpa pela desgraça que atingiu o casal

PARIS (Especial) — "Eu não tinha a intenção de atirar contra ela. Eu a amo mais do que a tudo no mundo" — foi o que declarou à polícia Jean le Gall, rico proprietário de uma salchicharia, pouco depois de haver disparado três tiros contra sua ex-esposa, Denise, que gravemente ferida foi internada em um hospital.

O romance que culminou com a cena de sangue ocorrida há poucos dias em Paris teve início há sete anos, quando Denise, então uma jovem estudante de dezesseis anos, se apaixonou pelo rico salchicharia de quarenta e um anos.

Sem levar em conta a diferença de idade, a jovem decidiu desposar o comerciante e, após passar um ano na Inglaterra para completar sua educação, voltou a Paris, onde se casaram. Denise tinha então pouco mais de dezesseis anos.

Durante algum tempo o casal foi feliz. Todavia, quando completou vinte e um anos, Denise já estava desiludida com seu esposo. Abandonou-o então. Há um ano, divorciaram-se.

Entretanto, Jean não se conformava com a separação. Tentava com frequência rever a ex-esposa, enviava-lhe flores e presentes caros quase todos os dias. Pedia-lhe que voltasse para sua companhia, mas ela recusava.

Há poucos dias, quando Denise se encaminhava para a loja onde estava trabalhando, Jean a interceptou. Malgrado de mais uma vez em sua tentativa de reconquistá-la, desesperou-se e sacou o revólver, disparando três tiros contra Denise, que tombou ao solo gravemente ferida. O criminoso foi preso no local.

Quando soube que sua vítima não estava morta, Jean le Gall disse com lágrimas nos olhos: — "Desejo de todo o meu coração que ela viva. Oxalá que ela não fique desfigurada, ela é tão bela!"

Jean le Gall atribui a sua sogra a responsabilidade por toda a desgraça que recaiu sobre o casal.

— "Nos teríamos podido ser felizes. Eu tinha muito dinheiro. Minha esposa não era privada de nada. Nossa filha não era um laço que nos ligava. Nós a adorávamos igualmente. Minha sogra é que foi a causa de tudo. Ela é que foi responsável pelas disputas que começaram em minha casa. Exercia excessiva influência sobre Denise."

Juro — acrescentou — que, sem minha sogra, Denise teria voltado para meu lado. Nos primeiros dias de 1959 ela deveria voltar para casa. Haviam-me prometido por nossa filha. Foi ainda sua mãe quem destruiu tudo."

O rico comerciante que se tornou assassino por amor acreditava tanto em que se reconquistaria sua ex-esposa, que no dia do crime levava em seu carro um belo vestido de veludo, que pretendia dar a Denise para que ela o entregasse à pequena Josseline, filha única do casal. Quando sonaram os três tiros, que destruíram todas as esperanças de felicidade de Jean le Gall, o vestido de veludo, dentro de sua caixa de papelão, encontrava-se no banco traseiro do automóvel, a pequena distância do local do crime.

## FOLHA ILUSTRADA

ESTE CADERNO CIRCULA COM AS EDIÇÕES DA "FOLHA DA TARDE" E DA "FOLHA DA NOITE"

SÃO PAULO — SABADO, 10 DE JANEIRO DE 1959

## Enforcou-se ao saber que a esposa havia dado à luz a quarta filha

PARIS, janeiro — Um operário de Crisolé, no Oise, enforcou-se ao saber que sua esposa havia dado à luz a quarta filha. André Petrucci, pai de três meninas e um menino, nas últimas semanas havia repetidamente declarado, a várias pessoas, que não suportaria o nascimento de outra filha mulher. "Há mulheres demais na minha família e o meu pequeno Gerard (seu filho) tem necessidade de um irmãozinho". Mas, sempre que acontece em casos semelhantes, os amigos não lhe haviam prestado atenção.

Num destes dias, na maternidade de Novon, apareceu uma enfermeira na sala de espera, e anunciou ao operário, nervosamente sentado numa poltrona, que ele era pai, novamente, de uma menina, à qual já fora dado o nome de Bernadette. O homem não disse nada, saiu do hospital e voltou para casa.

Na tarde daquele mesmo dia, um velho amigo seu, vindo para felicitar-lo pelo nascimento da filha, encontrou-o enforcado no quarto de dormir. (ANSA)

## VARIOS TRABALHOS DE HERMELINDO FIAMINGHI VÃO FIGURAR NA GALERIA DE ARTE DAS "FOLHAS"

Nova mostra será inaugurada no dia 21 — Todos os expositores seguem as tendências do concretismo



Hermelindo Fiaminghi

HERMELINDO FIAMINGHI está entre os seis pintores que, a partir do próximo dia 21, vão ocupar a Galeria de Arte das FOLHAS em mostras simultâneas. Os demais nomes que compõem o grupo expositivo, todos ele seguidor do concretismo, são os de Judith Lauand, Kazmer Fejer, Luis Scallottio, Maurício Nogueira Lima e Valdemar Cordero. Também estes artistas concorrem ao Premio Leirner de Arte Contemporânea para 1958.

FIAMINGHI

A primeira vez que Hermelindo Fiaminghi expôs foi como participante da III Bienal de Arte Moderna, na capital. Ele frequentará o ateliê de Valdemar da Costa, pintava figuras, ensinava suas primeiras experiências no campo das formas, inclinava-se pelas ideias e tendências abstratas mas não se sentia perfeitamente ajustado nem se estribava de maneira suficientemente consciente em suas criações pictóricas.

Desde 1955, entretanto, em contato crescente com a consciência dos princípios da corrente e filiou-se a ela inteiramente. Suas preocupações artísticas convergiram, desde então, sem-

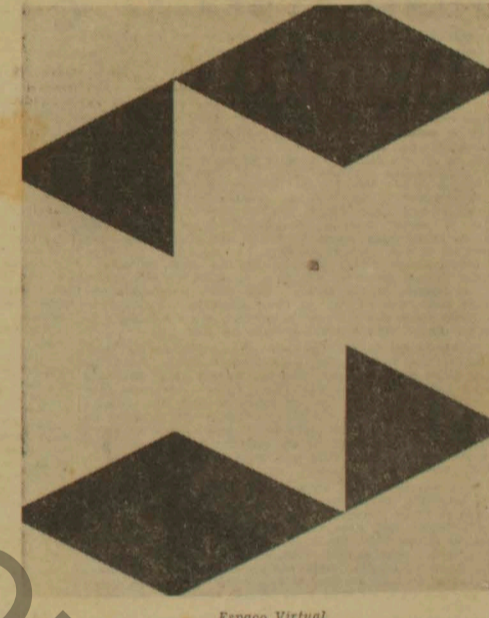
## O "CARONIA" INICIA UM CRUZEIRO MUNDIAL

SOUTHAMPTON, Inglaterra (B.N.S.) — O transatlântico "Caronia", de 34.872 toneladas, da companhia de navegação Cunard, depois de um mês de revisão, iniciou um cruzeiro mundial que dará um lucro de aproximadamente 500 mil libras esterlinas. O "Caronia" zarpa no dia 26, e fará escala na Bermuda, Jamaica e Bahamas, de passagem para Nova Iorque. Dall partirá no dia 20 de janeiro, em uma viagem de 108 dias, com escala em portos da América do Sul, África do Sul, Índia, Japão e Califórnia.

vão apoiar em quatro pontos, no chão.

EXPOSIÇÕES

Além de sua participação na terceira e quarta mostras da Bienal de Arte Moderna, Hermelindo Fiaminghi figurou também, quatro vezes, no Salão Paulista de Arte Moderna, na Exposição Nacional de Arte Concreta do Ministério da Educação e Cultura, teve seis



Espaço Virtual

de suas obras incluídas numa exposição do Museu de Arte Moderna realizada em Munique e figurou ainda em mostras de artistas brasileiros em Buenos Aires, Rosario, Lima e Santiago do Chile.

Também como carilista foi laureado com prêmio no VI Salão Paulista de Arte Moderna.

O artista integra, atualmente, o Conselho Diretor da Galeria de Arte das FOLHAS.

## Escultora britânica exporá na Bienal de São Paulo

LONDRES (B.N.S.) — A sra. Barbara Hepworth, a escultora mais ilustre da Grã-Bretanha, acaba de ser designada para representar o Reino Unido na Bienal de São Paulo, a ser inaugurada no próximo ano. Serão expostos, também, trabalhos de um pintor e um gravador britânicos, cujos nomes não foram ainda divulgados.

A sra. Hepworth apresentará 22 importantes esculturas, que incluem uma amostra retrospectiva do trabalho por ela realizado nos últimos 20 anos. Ainda que cultive especialmente o estilo abstrato, a escultora realiza também alguns trabalhos em madeira, sabendo utilizar de maneira magistral as peculiaridades do material com que trabalha.

Não se trata do primeiro contato da escultora com a Bienal de São Paulo, que é aliás considerada uma das manifestações artísticas internacionais mais importantes. Em 1957, o Premio Internacional de Pintura de São Paulo foi concedido ao seu marido, Ben Nicholson, um famoso pintor abstrato britânico. Casada em primeiras nupcias com o escultor John Skeaping, interessou-se pelo México, onde viveu algum tempo, inclusive escrevendo um livro sobre o país.

A sra. Barbara Hepworth nasceu em 1903, em Yorkshire, e vem ocupando posição de destaque na escultura britânica, desde que foi diplomada pelo Real Colégio de Arte. Realizou uma exposição pri-

## Presepios, peças e documentos históricos reunidos em exposição no parque Ibirapuera

O grande presepio napolitano foi construído no século XVIII e as lapinhas são uma tradição do vale do Paraíba — Dormitório de bandeirante e ranchos de tropeiros — "O Mosquito" humorístico e cenas de São Paulo antigo

Sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura, continua aberta no parque Ibirapuera, Pavilhão das Nações, a primeira exposição do acervo e das atividades da Divisão do Arquivo Histórico.

A exposição, apresenta importante material de documentação histórica, paleografia, artes gráficas, publicações, iconografia e presepios.

### PRESEPIOS DE VARIAS EPOCAS

Logo à entrada da exposição está a mostra dos presepios, desde o litúrgico de São Paulo até as minúsculas lapinhas armadas em residências humildes do vale do Paraíba. Há também os grandiosos exemplares de presepios napolitanos e espanhol, feitos ambos, possivelmente, no século XVIII. O presepio espanhol, cuja idade não se pode precisar, foi encontrado numa

velha igreja paulista, situada em Santos, segundo informações colhidas no local.

Os presepios denominados lapinhas são minúsculos e costumam geralmente apenas das figuras centrais: Jesus, Maria, José, a vaca, o burro e um outro pastor com suas ovelhas. Foram trazidos, em sua grande maioria, de residências pobres e simples do vale do Paraíba.

### RECONSTRUÇÃO DE AMBIENTES COLONIAIS

Outro aspecto dessa exposição do parque Ibirapuera é a reconstrução de ambientes coloniais, como um rancho de tropeiro localizado à beira de alguma estrada, erma e um dormitório de bandeirante. Cenas de animais selvagens enfeitam um pouco o assaolho grosso do dormitório e uma cruz rústica revela a fé cristã de seu habitante.

No rancho de tropeiro são encontradas as principais coi-

### UTILIZADAS POR ESSE HERÓI

sas utilizadas por esse herói anônimo que, enfrentando as mais difíceis condições de vida e de transporte, levava de um canto a outro pedaços de conforto e esperança. Nas velhas estradas do interior brasileiro são ainda vistas ruínas desses ranchos, que tantas e tantas vezes acolheram e abrigaram os valentes tropeiros durante uma tempestade implacável ou para o repouso da noite.

### A IMPRENSA DA EPOCA

Uma coleção encadernada de "O Mosquito", jornal humorístico do século passado, também pode ser encontrada nessa exposição, bem como gravuras que mostram uma cidade de São Paulo muito diferente da que hoje vemos: nada de bondes barulhentos, nem gente apressada pelas ruas. Tudo era calma, com pretas velhas esperando o pote encher à boca de algum chafariz, senhores competidos discutindo política e senhoras em altitudes respeitadas a caminho da igreja.

No jornal humorístico, há notícia do caso do famoso sr. Riecke, gerente do Banco Alemão, que emprestou (segundo consta na época) a então enorme quantia de 3.000 contos ao visconde de Mauá. A crítica do tempo divertiu-se com o fato.

Documentos antigos, de impossível reconstrução uns, já reconstruídos outros, fazem parte igualmente da exposição que o Departamento de Cultura apresenta no parque Ibirapuera.



Aspecto do presepio napolitano, em exposição no parque Ibirapuera



Móveis usados num quarto de bandeirante, também em exposição no parque Ibirapuera



Reconstituição de um "rancho de tropeiro"; havia muitos desses às margens das estradas antigas.